

CERJ Boletim

Ano 71 - Número 643 - Julho e Agosto de 2010

Impresso

Gigantes da Serra dos Órtãos. Em primeiro plano o Nariz da Freira com sua Face Leste, Coroa do Frade e ao fundo a Agulha das Duas Vertentes e o Pico Solitário. Foto: Waldecy tirada a partir da Travessia.

**-INVASÃO AO
ABRIGO 04**

**-CONQUISTA DO
PAREDÃO ZÉ PRETIM**

**-NARIZ DA FREIRA
POR SALOMYTH E DUDU**



Salô e Dudu



Aniversariantes

EXPEDIENTE 2010

Presidente:

Gustavo Iribarne

Vice-Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Secretárias:

1- Miriam Gerber

2- **Márcia D'Ávila**

Tesoureiras:

1- Moníca Esteves

2- Karina Mota

Diretor Técnico:

José de Oliveira Barros

Supervisão Técnica:

Henrique Menescal

Rafael Villaça

Diretora Social:

Natascha Krepesky

Auxiliar Dir. Social:

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia:

Carlos Carrozzino

Diretor de Divulgação:

Luiz Antonio Puppim

Conselho Deliberativo

Presidente:

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Maria Genoveva Von Hubinger

Jana Menezes

Iara Anibolette

Boletim Informativo do CERJ

Diagramação: Waldecy Lucena

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

Julho

02 – Carlos Alberto Mangueira

03 – Miriam Gerber

04 – Jana Ribeiro Menezes

Mônica Ferreira Dias

06 – Natanael de Oliveira

07 – **José de Oliveira Barros**

André Luiz Paz Vieira

09 – Ricardo Melo Marins

12 – Emanuel Nunes Silva

Rodrigo Demutti

14 – **Saulo Andrade de Araújo**

16 – Silvia Schiavo

Victor Weyrauch

19 – **Marina de Sá Barboza**

23 – **José Sebastião Lopes da**

Silva

Reynaldo Pires Ferreira

25 – Nino Lopes

Renato José Sobral Pinto

28 – **Helio José Paz**

29 – Marcelo Rousselet Paulino

Agosto

01-- Daniel Vesiani Chieza

02 – **Andréa de Matos Rei**

03 – **Jorge André Farias**

05 – Sergio de Souza Bahia

06 – Justo Helio Monteiro

11 – Marcelo Pereira Haddad

--Jordan Malugen

15 – Paulo Boaventura Netto

17 – Rita Fucs

22 – **Lívia Muniz Assis**

23 – Adriana Ribeiro Santos

26 – Reinaldo Behnken

30 – **Walter Mendes de Sá**

DATA ATIVIDADE LOCAL CLASSIFI-
CAÇÃO GUIA

| | | | | |
|----------------|--|------------------------------|-------------------------------|-----------------------------|
| 04/jul | MUTIRÃO DE REFLORESTA- mento | PÃO DE AÇÚCAR | ECOLÓGICA | SÁVIO/ Henrique |
| 03,04/ jul | Salinas rock festival | P.E. TRÊS PICOS | cul tural | JOÃO PAU- lo (jp) |
| 17/jul | BICUDA GRANDE | MACAÉ | SEMI-PESADA | MIRIAM BA- MOS |
| 25/JUL | PAREDÃO LEILA DINIZ | ITAIPU | ESCALADA 2 III- SUP | IRIBARNE/ AP |
| 25/JUL | MARIA COMPRIDA | PETRÓPOLIS | SEMI-PESADA | MIRIAM BA- MOS |
| 25/JUL | PAREDÃO ATLANTA (LUA CHEIA) | PÃO DE AÇÚCAR | ESCALADA 2 III- SUP | RAFAEL VIL- LAÇA |
| 31/JUL | ESCALADAS CANTAGALO O- ESTE | CUIABÁ/ PETROPOLIS | 3 A 4 GRAU | Wal |
| 01/AGO | MUTIRÃO DE REFLORESTA- mento | PÃO DE AÇÚCAR | ECOLÓGICA | SÁVIO HEN- RIQUE |
| 01/AGO | FRADE DE MACAÉ | GLICÉRIO | Pesada C/ ESCA- LADA | MIRIAM BA- MOS |
| 21,22 A- GO | TRAVESSIA PETRÓPOLIS/ TERESÓPOLIS | SERRA DOS OR- GÃOS | CAMINHADA PE- SADA | MIRIAM BA- MOS |
| 21/AGO | POLEGAR DO DEDO DE DEUS | SERRA DOS OR- GÃOS | CAM. C. CABO DE ACO | RAFAEL |

ODISSÉIA

POR SALOMITH E EDUARDO GOMES

“...DE REPENTE, O CÉU ESCURECEU! Raios!! Um estrondo vindo do Noroeste e enorme TROMBA D'ÁGUA ENVOLEU-NOS, como uma enorme cachoeira. Trovões e raios acompanhavam este inferno d'água. Não tínhamos como nos abrigar, pois estávamos quase no cume do Nariz da Freira, que escalávamos pela sua face l este. Mal podíamos nos ver, tal a densidade da cortina d'água que se formara. Tivemos que bater em retirada...”





No Pico Nariz da Freira,
conquistado em 1944, por Antonio Taveira e Ulisses Braga - C.E.B.
Altitude + ou - 1.500 metros

Tudo começou na década de 60, quando fui convidado pelo meu amigo Raimundo Luiz Minchetti, para irmos explorar o lado leste do Pico Nariz da Freira, com acesso pelo Vale do Rio Soberbo, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Assim, no primeiro dia do mês de julho do ano de 1965, juntamente com Eduardo Moreira Gomes do Centro Excursionista Petropolitano, partimos para uma jornada de 4 dias, que seria nossa **1ª investida na tentativa de reconquista**, ou conquista, do Nariz da Freira, pela face leste.

Naquela oportunidade, o tempo estava ótimo; era início de inverno e lá fomos, Eu (Salomith), Minchetti e Dudu, entrando pela trilha do Rancho do Cavalo Branco, passando pelos escombros do mesmo e, atravessando para a outra **margem do rio, até chegarmos na "Lapa da Providência"** – excelente local para bivaque, descoberto e batizado pelo Minchetti quando da descida lá do alto da serra pelo **"Caminho das Maravilhas"**; aquela região já era bem familiar ao Minchetti – situada em local bem protegido à sombra do Morro Cavalo Branco, onde passamos a 1ª noite, após termos aberto uma trilha até quase no espigão do Nariz da Freira.

No segundo dia saímos da "Lapa da Providência" com todo nosso equipamento e subimos a trilha até uma cachoeira, entre os espigões da Coroa do Frade e do Nariz da Freira. Encontramos novo local para bivacar e partimos para explorar o espigão do Nariz da Freira pelo lado esquerdo, resultando em tempo perdido, pois o certo seria pelo lado direito. Pernoitamos nesse novo bivaque e no terceiro dia, subindo pelo lado certo, **conseguimos atingir o "Mirante dos Deuses"** – local já na base da face leste

do Nariz da Freira, com uma visão deslumbrante do Vale do Rio Soberbo e dos paredões de entorno.

Logo no início, deparamo-nos com uma laje (semelhante ao costão do Pão de Açúcar), de aproximadamente 150 metros. Com muita cautela, escalamos, tendo como apoio inúmeros gravatás existentes nesta laje. No final encontramos uma chaminé média de 30 metros aproximadamente, pela qual subimos e colocamos um grampo de ½ polegada; em seguida encontramos uma parede de uns 20 metros + ou - onde colocamos o segundo grampo. A seguir, aparentemente seria uma escalaminhada em direção ao cume, mas, surpresa ... Efetuando uma exploração *em solo* na parte que se sucedia, o líder Minchetti retornou com a notícia da impossibilidade de prosseguirmos, pois estávamos sem material técnico para a segurança necessária. Ficamos bastante decepcionados... mas satisfeitos pelo quanto havíamos conseguido naquela jornada.

Retornamos ao bivaque da base do espigão, onde pernoitamos e, já na manhã do quarto dia da jornada – 4 de julho, iniciamos a caminhada de volta, com o tempo ainda mantendo-se bem firme. Novas aventuras nos aguardavam; estávamos de férias e rumaríamos para uma temporada no Planalto de Itatiaia... Entretanto, o Pico do Nariz da Freira não ficou esquecido.

Com o conhecimento da região obtido na jornada de julho/1965, lá estávamos novamente, aproveitando a folga da Semana Santa do ano de 1967, nos dias **24, 25 e 26 do mês de março, achando** que aqueles 3 dias seriam suficientes para completarmos o que ficara pendente => atingir o cume do Pico do Na-



riz da Freira, bem lá no fundo do Vale do Rio Soberbo.

Assim, no dia 24 – sexta-feira da Paixão, com o tempo magnífico, conforme evidência a foto acima, obtida naquela manhã, ainda na estrada Rio-Teresópolis e antes de iniciarmos o percurso ao nosso objetivo, o qual repetimos exatamente como em julho de **1965: avanço até a Lapa da Providência**, recuperação e conferência da trilha até a base do espigão e retorno para o pernoite na Lapa.

No dia 25 – sábado da Aleluia, partimos direto para o Pico, refazendo todo o percurso até o local de onde havíamos retornado em 1965. Desde cedo dava para notar que o dia não era semelhante ao anterior; havia tido uma mudança; a cor do céu já não era mais azul; mas, até então, nada demonstrava o quê estava para acontecer. Na verdade, e na medida que avançávamos pelo longo paredão, íamos perdendo a visão para a entrada do vale; da chaminé

para cima, então, não havia nenhuma visão.

Ao superarmos o último ponto atingido anteriormente e já no trepa mato inicial do que seria a etapa final ... ela chegou..., a chuva! Não..., a tempestade!! **Também não..., a tromba d'água!!!** Durante uns longos três minutos, ficamos atônitos e sem saber o que fazer. Subitamente, o líder Minchetti retorna de onde já se encontrava e dizendo: vamos sair daqui...!!; passa rapidamente pelo Dudu e dirige-se ao segundo grampo; o que fazer...? Desço logo em seguida e, já no grampo, gritávamos: Dudu, saí daí !!! Mais alguns momentos, surge o Dudu com a parte da corda que havia se enroscado com uma vegetação tipo trepadeira, com grossos caules ou raízes e que nos ajudaram, como apoio, na subida. Com toda a corda liberada, passamos a rappelar, inicialmente pela parede e posteriormente pela chaminé, que havia se transformado em funil de grande cachoeira, mas que, assim mesmo, tivemos que enca-

rar, pois não havia escolha; tinha que ser por ali mesmo. Descíamos e torcíamos



mos para que a corda, ao ser recolhida, não se prendesse em algum ponto, o que seria uma grande tragédia. Finalmente atingimos a parte superior do paredão inicial e a descida foi feita com muita prudência, em diagonal, utilizando os gravatás (bromélias) encharcados, que ameaçavam desabar a um movimento mais brusco. Se um de nós, por infelicidade, escorregasse, arrastaria os outros dois companheiros para o abismo.

A fase torrencial da chuva já havia passado, mas, ao chegarmos na base da escalada, no Mirante dos Deuses, ainda chovia bem. Naquele local tomamos consciência do nosso novo problema. A chuva havia transformado o rio Soberbo, que em dias normais apresenta de 3 a 4 metros de largura, em uma massa de água caudalosa e encachoeirada, com largura de 10 a 15 metros. A paisa-

gem tornara-se impressionante: as montanhas do vale transformaram-se em um espetáculo de inúmeras cachoeiras, com especial detalhe o volume de água que jorrava da área do Campo das Antas. Em suma... , estávamos retidos daquele lado do rio e teríamos que encontrar algum local protegido para nos **abrigar... Foi então que Minchetti retirou** uma única laranja da mochila, cortou-a em quatro partes, e uma das partes em três pedaços, ou seja, dividiu-a igualmente em três, e ordenou... Vamos comer com casca e tudo! Esse é o nosso alimento até amanhã!! Assim foi feito e iniciamos a caminhada de volta à base, que não chegamos a atingir naquela tarde, visto que pequena lapa mais inclinada apareceu, ladeando a trilha, e onde pudemos ficar abrigados da chuva. Ficamos bivacados nesta lapa, sentados lado a lado, ombro a ombro, pelo resto da tarde e noite adentro até quase o raiar do dia. Passamos a noite molhados, com frio e muita fome; nada havíamos levado para nos alimentar; tínhamos apenas o material de escalada/conquista: corda, grampos, mosquetões, etc., e uma embalagem de drops misto Dulcora, sacada pelo Dudu da sua mochila de ataque, e que nos ajudou a **"enganar a fome". A localização da pequena lapa** era frontal ao grande paredão do Garrafão, do qual, às vezes, vislumbrava-se seu ponto culminante, clareado pela luz da Lua, em fugaz abertura nas nuvens, tal qual uma visão fantasmagórica a nos observar.

O dia ainda não havia raiado quando reiniciamos a caminhada de descida até a base da montanha, com a ajuda de uma lanterna que Minchetti havia levado. De manhã a chuva havia cessado, mas para nosso desespero, o rio ainda permanecia bem cheio. Fomos obrigados a aguardar um pouco mais, já que uma substancial parte da trilha era pelas pedras do rio, e nossa orientação seria o que havíamos memorizado, quando da subida, já que os marcos de

pedra que tínhamos deixado, com certeza tinham ido por água abaixo. Finalmente conseguimos descer e, com auxílio da corda, atingir a margem oposta. Não estava longe o local onde se encontravam nossos equipamentos, alimentos e roupas secas, mas estávamos extenuados..., não conseguíamos ficar de pé..., tivemos que praticamente nos arrastar, como se fôssemos naufragos chegando até a Lapa. Que felicidade..., chegamos!!! Desvencilharmo-nos de nossas roupas molhadas, colocamos as secas e fomos dormir abrigados nos nossos sacos de dormir. Precisávamos, como primeira coisa a fazer, nos aquecer e dormir um pouco para o descanso físico, e, em seguida, nos alimentar adequadamente para recuperarmos a força. Dormimos..., por quanto tempo? Não sabemos... Fomos acordados pelo Minchetti, para a degustação de um saboroso e revigorante mingau de aveia



e para lembrar-nos de que, nesse dia – Domingo de Páscoa, tínhamos que retornar à civilização; na segunda-feira o trabalho nos aguardava; tínhamos que ir trabalhar; não estávamos de férias, como em 1965; teria que ser o último dia da jornada. E assim procedemos.

Um pouco mais das 15 horas, já descansados, alimentados e arrumados, partimos já com saudades da Lapa da Providência que tão bem nos havia acolhido.

Acreditávamos que em três horas, no máximo, estaríamos na estrada, mas... após uns 30 minutos de caminhada... o que aconteceu?... ela voltou... a chuva-rada... o temporal! Tivemos, então, mais uma vez, que procurar algum abrigo. Por sorte, no lado esquerdo da trilha, debaixo de um pedrúção, havia um espaço bem apertado, mas bastante suficiente para nos abrigar. Não temos lembrança de quanto tempo mais ficamos parados naquele local, mas sim de que, quando foi possível retomar a trilha e descer até o local da travessia do rio, como atravessá-lo...?? Novamente o rio encontrava-se muito cheio, em **mais uma cabeça d'água. Mesmo assim**, Minchetti tentou levar a corda para a outra margem, mas sem sucesso; a força da água não permitiu e derrubou-o de onde estava; qualquer insistência poderia causar um acidente grave... Tivemos que desistir e nos conformar em ter que bivacar mais uma noite. Já passava das 17 horas; montamos o bivaque em local protegido das águas do rio e, fazer o quê?... dormir. Dormimos até quase meia-noite, quando a fome voltou com uma fúria tremenda. Que fome!! Depois de nos saciar, voltamos a dormir e, quando acordamos, ainda cedo na manhã seguinte, não havia mais chuva, o rio já retornara ao seu normal, o dia amanhecera claro, aberto, com céu limpo. Sem perda de tempo, preparamos um lanche, arrumamos tudo e, por fim, conseguir atravessar o rio. Na tarde do dia anterior, quando tentávamos efetuar a travessia do rio, percebemos uma movimentação de pessoas no outro lado, mas não sabíamos quem poderia ser. O mistério ficou resolvido naquela manhã, quando chegamos lá; tratavam-se de dois caçadores que ficaram retidos daquele lado, pois a trilha utilizada por eles ficava do lado em que estávamos... Pura ironia... a trilha dos caçadores nos era desconhecida; também nunca soubemos se poderíamos ter saído de lá por ela. Os dois caçado-

ESCLARECIMENTOS FINAIS

A altitude inicial indicada como + ou - 1.900 metros foi rebaixada para 1.500 metros pelos motivos a seguir explanados:

O Informativo CEB de Jan/1995 indica como sendo 1.763 metros a altitude da Coroa do Frade, que também é o número que aparece quando consultamos o Google Earth;

No Informativo CEB de Fev/1995 consta como sendo de 1.657 metros a altitude da Agulha das Duas Vertentes;

Visualmente não é difícil observar que a altitude do Nariz da Freira é inferior às duas citadas acima;

Consultando o Google Earth, encontramos o Nariz da Freira com + ou - 1.500 metros;

Dessa forma fica prejudicada a afirmação inicial de uma grande laje com aproximadamente 400 metros;

Realmente, embora já se passaram 42 anos - 1967 a 2009, não tenho lembrança de uma laje dessa altura;

Nos meus registros da 1ª investida em 1965, encontro o seguinte texto:

“Dia 3 = Subimos pelo lado certo e conseguimos chegar ao Mirante dos Deuses. Daí começamos a subir o Nariz. Primeiro: vegetação; Segundo: paredão com gravatás; Terceiro: chaminé média; Quarto: de chaminé para oposição e final em paredão; Quinto: lance pendular por sobre a chaminé; Sexto: vegetação e daí voltamos. Houve uma corrida de parte da vegetação deixando a pedra nua. Para cima necessitávamos de material técnico para enfrentar uma fissura bem exposta.” Essa parte final foi dita pelo Minchetti, o único que fora mais acima verificar o trepa-mato.

Para conferir tudo isso - altitude, distâncias, grau de dificuldade, qualidade da vegetação, etcétera, só retornando ao local.

Não sei como Minchetti deixou registrado a aventura nos seus arquivos. Fotos não tenho lembrança de vê-lo operando

sua máquina, mas é bem possível que alguma foto tenha sido feita naquela oportunidade. Talvez a Genoveva possa ajudar, já que ela está com a guarda de todo o acervo do Minchetti.

Em 1967 fotografei a entrada e a saída em slides mas, infelizmente, só me restou o que ilustra a narrativa - passado digitalmente para papel. Os outros, uns **3 ou 4, tenho lembrança de tê-los** ofertados ao CERJ, ainda na sede velha, perto da Praça Tiradentes, na rua Visconde do Rio Branco.

Acredito ter feito o melhor possível para a narrativa ficar interessante e bem perto da verdade.

Nota CERJ: em outubro de 2007, Waldécio Mathias e Rafael Villaça (ambos do CERJ), com os amigos Sergio (Bula) Rozencwaig (do Carioca) e Boris Flegr (do Guanabara) estiveram no cume do Nariz da Freira. O relato completo desta emocionante excursão, pode ser lido no boletim de novembro de 2007, que está na página do nosso clube.



Wal e Rafael
no cume do Nariz da Freira

ZÉ

É com imenso prazer que nós (Rafael e eu) estamos lhe oferecendo esta conquista, para que os que hoje habitam o nosso meio e para os que virão, possam sentir e descobrir o quanto você é importante para o nosso esporte.

Uma pessoa lutadora que a todo o momento nos mostra como enfrentar a vida de uma forma feliz, sempre nos oferecendo o seu sorriso, compreensão, dedicação e carinho.

Aceite, pois esta singela homenagem que através de nós dois todo o povo cerjense compartilha em forma de agradecimento.

MUITO OBRIGADO!

Rio 23 de maio de 2010

(texto entregue ao Zé na homenagem realizada no CERJ, em 27 de maio)



Rafael e Carrozzino após a conquista

Zé Pretim

Há algum tempo que Rafael e eu estávamos querendo conquistar uma via em homenagem a esta grande figura do nosso CERJ e atual Diretor Técnico, o nosso querido ZÉ.

A oportunidade surgiu quando o nosso "magnífico" vislumbrou uma via bem perto de uma conquista que as nossas meninas estavam terminando no Cantagalo Oeste, em Itaipava.

Partimos, então, no dia 1º de novembro de 2009 para a primeira exploração e investida.

Ao chegarmos lá, tivemos a desagradável surpresa de verificar que a pedra estava um tanto molhada devido a chuva do dia anterior. Mas fominha é sempre fominha e fomos para a possível base dar uma "olhada" mais de perto.

Ao vermos que o seu início estava "bom", parti para o primeiro grampo e logo depois o Rafael enfiou mais três. Tomei a dianteira e batemos mais dois grampos já com o tempo ameaçador e logo a chuva veio nos dizer, "inté", e "fumus inbora".

Uma semana coçando as mãos e no dia 8 de novembro estávamos lá mais uma vez, mas desta vez com bastante sol.

O Rafael reiniciou os trabalhos e neste dia batemos 12 grampos até o "velhinho" aqui abrir o bico devido ao calor. Avançamos muito e achávamos que em mais uma investida terminaríamos, mas teríamos que esperar o verão passar e assim foi feito.

Cinco meses se passaram e a minha angústia para terminar a via não tinha mais limite. Toda vez que me encontrava o Rafael, ficava na esperança dele ter finalmente um tempo vago na sua vasta agenda montanhística.

O dia chegou e em 23 de maio estávamos lá pela terceira vez, mas desta feita com a colaboração da nossa querida Patrícia (Paty).

Chegamos no ponto de conquista por volta das 10 horas e mais uma vez o Rafael reiniciou os trabalhos, onde a Patrícia além de ser a fotógrafa oficial da conquista nos dava segurança evitando o famigerado fator 2.

Bota grampo aqui, bota grampo ali, vamos por aqui, não, vamos por ali e depois de mais 12 grampos chegamos ao final da via, às 15 horas.

Que alegria e que emoção!

Fizemos as filmagens para entregarmos ao nosso homenageado e descemos felizes por termos realizado um sonho. E um sonho realizado é sempre um motivo de sobrevida. Estes momentos de realização na minha idade, não tem preço.

TEM QUE MERECER!

Obrigado ao meu CERJ por mais esta emoção e que esta singela homenagem a esta pessoa que tanto faz por nós todos, seja

um incentivo para que possamos acreditar que vale a pena viver.

CARROZZINO

A Via é predominante em "abaulência", com 200 mts de extensão, 4° grau com alguns lances em 4° superior. Este grau é a conferir.



CERJ - CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

PAREDÃO ZÉ PRETIM



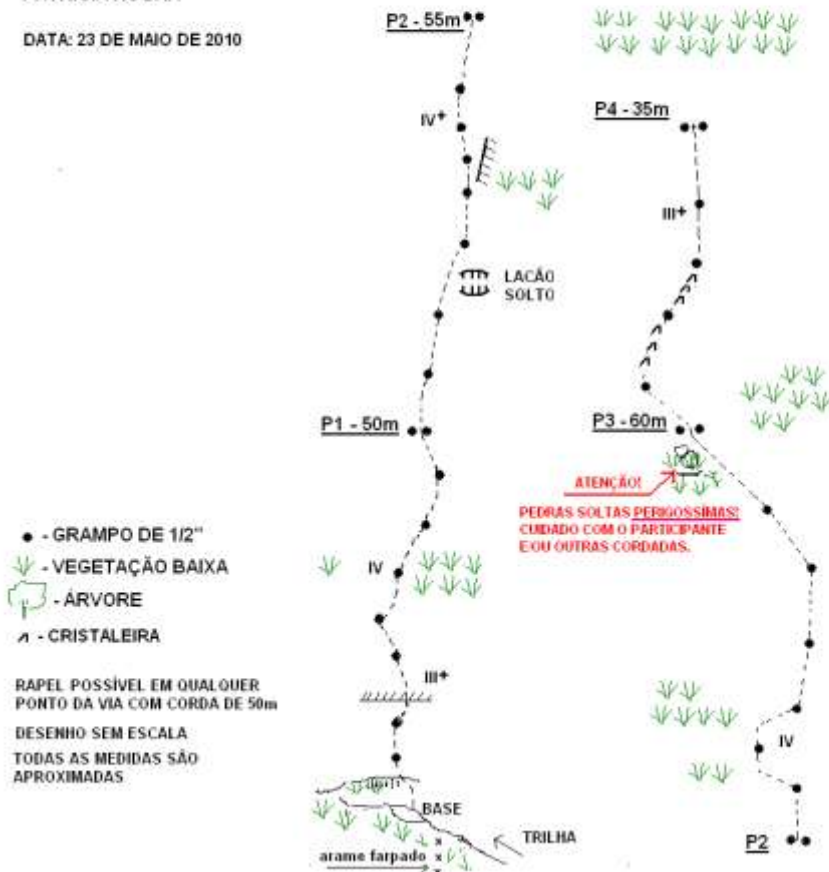
CANTAGALO OESTE - ITAIPAVA

4° IVsup E2 - 200 m

CONQUISTADORES:
CARLOS CARROZZINO
RAFAEL VILLAÇA

COLABORAÇÃO:
PATRICIA ROCHA

DATA: 23 DE MAIO DE 2010







Um dos pontos interessantes da prática do montanhismo é a possibilidade de conhecer novos lugares, expandir horizontes e possibilidades e ainda retornar a lugares visitados há muito tempo. Independente da dificuldade técnica ou logística, caminhadas ou escaladas, penso que é muito importante fazer coisas novas todo ano, abrir o leque de possibilidades e com esse espírito iniciei a temporada de montanha em 2010.

Certa vez ouvi dizer que a Floresta da Tijuca é o segundo grau, Serra dos Órgãos a faculdade e Agulhas Negras o mestrado do montanhismo, pois bem, desde a primeira vez na parte alta do PNI, sonho com a Travessia Longitudinal das Agulhas Negras. Já realizei excursões memoráveis nesse parque incluindo as escaladas das chaminés Brackman, Idalício, Estudantes, Asa de Hermes, Morros do Couto e do Altar entre outros, mas nada se comparava a grandiosidade dessa Travessia..

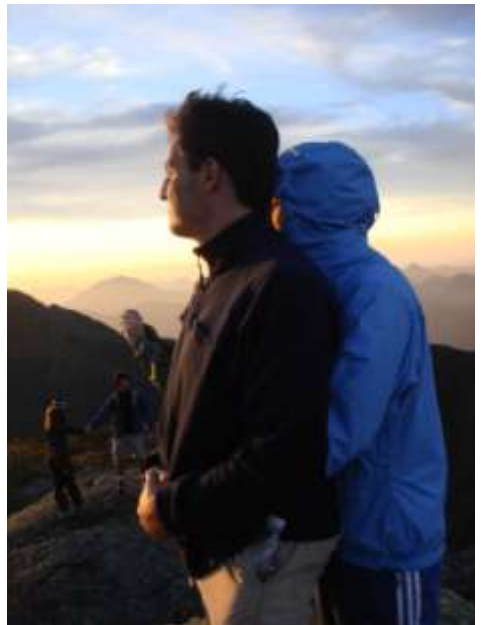


Waldecy e eu fomos aceitos como participantes numa excursão liderada por guias do GEAN ou seja uma oportunidade única. Falando da travessia em si, penso que aquilo lá é brincadeira de gente grande, um labirinto de pedras e agulhas, gretas, chaminés, aderências, entalamentos, trepa-pedra e saltos entre os blocos. Partindo do Abrigo Rebouças e retornando para o mesmo, nossa expedição demorou 10 horas. De frente para as Agulhas iniciamos no lado direito e terminamos rapelando a chaminé XIV de julho, em frente a Asa de Hermes no lado esquerdo da montanha. Assinamos três livros de cume no mesmo dia, um no topo da Chaminé dos Esu-

dantes, um no cume do Açú e outro no Vale da Lua Maior. Durante a travessia passamos apenas por três grampos e pelo parafuso do Brackman, por três vezes utilizamos segurança de corpo para rapelar, Grande Júlio Spanner, sem ele as coisas seriam muito mais complicadas. É preciso ter um bom psicológico para encarar os lances e também um bom preparo físico. Dessa vez eu era o menos capacitado da turma, por diversas



vezes recebi ajuda dos meus companheiros para transpor abismos, solar alguns lances de escalada, desescalar outros lances de costas para o abismo, saltar entre os blocos, etc. A camaradagem imperou e durante a travessia pensei nas diversas ocasiões onde



eu era o mais apto e ajudei outros participantes, muito legal esse sentimento de troca, de trabalho em equipe e parceria.

Outra grande novidade foi o acampamento no Cabeça de Dragão no PETP, aula final do CBM 2010, em conjunto com a Sabrina que era aluna do curso. Simplesmente um dos lugares mais bonitos que eu já acampeei, uma excursão clássica que já entrou para o meu calendário anual e certeza de grandes momentos na montanha em conjunto com os amigos. A noite fizemos o nosso rodízio de pizzas regado a vinho do bom. O pôr do Sol é um espetáculo a parte, nos momentos finais de luz e com o céu vermelho rosado, nossos corpos e mentes são tomados por uma energia incrível, sentimentos bons e excitação generalizada, as fotos ficam absurdas e aos nossos pés o nome já diz tudo, o belíssimo Vale dos Deuses.



Pra fechar esse relato em grande estilo, uma excursão que não voltava desde 2002, o Terceiro Dedinho do Dedo de Deus. Depois de ler um relato do Nilton que escalou por aquelas bandas, fiquei muito animado de retornar nessa bela montanha, o visual da face Sul do Dedo de Deus é um show a parte. Nesse dia alguns camaradas cerjenses estavam no Escalavrado e outros do CEB no Dedo de Nossa Senhora. Alguns do CEG foram para o Cabeça de Peixe e ainda alguns escaladores independentes no Dedo de Deus via Maria Cebola, uma verdadeira invasão. A excursão em si nem é tão complexa, o desafio principal é a logística pois são necessárias três cordas de 50 m. Nosso grupo estava com oito pessoas e assim levamos uma quarta corda. Duas cordas ficam fixas no segundo dedinho por onde rapelamos. Depois é necessário subir por essas cordas,



seja com prussik ou com o uso de ascensores. É importante estar bem treinado nessas técnicas caso contrário pode demorar mais que o planejado e assim escurecer.

Agradeço aos meus camaradas por esses grandes momentos, se a temporada 2010 terminasse hoje já estaria satisfeito com só com essas excursões. Também agradeço a minha esposa pela compreensão, por aceitar a minha ausência nessa época do ano e por me receber em casa de braços abertos após as grandes expedições, viajo porque preciso, volto porque te amo.





TRAVESSIA PETRO X TERE FOG...

E lá vamos nós para mais uma invasão da Serra dos Orgãos pelo CERJ. Desta vez, o grupo era de mais de 40 pessoas...com o passar da semana e previsões meteorológicas nada animadoras, o grupo já começou a diminuir...mãe passando mal, trabalho, mal de saúde, enfim, aquelas desculpas que todos nós conhecemos! Se fosse um churrasquim....

Bom, marquei com os mulambos seis da manhã na Urca. A novidade é que haveria três regressos do ultimo CBM...muito legal! O grupo ficou assim: eu, Eder, Michelle, Show e os três ex-alunos: Nicolau, Diogo e Daniel. Saimos todos na Toyota (!) indo encontrar com o Show no Alemão da Washington Luis. De lá, despachamos nossas tralhas com a Anna Rita para serem entregues aos carregadores previamente contratados que iriam levar tudo para o Abrigo 04.

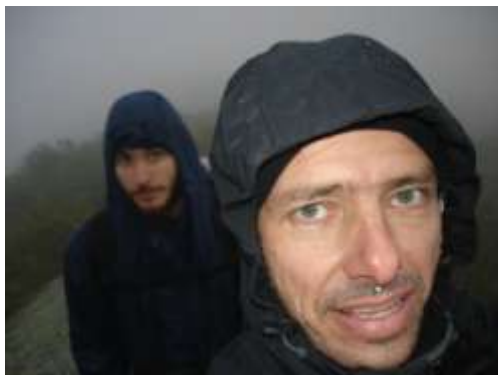
O tempo não estava lá animador e de Correias víamos nuvens muito escuras para a região do Açú. JP nos telefona dizendo de seu cancelamento: desanimo...

Já no Bonfim, fizemos uma rápida votação e decidimos partir. Começamos a caminhar às nove da manhã. Ao meio dia e meia estávamos no Açú e já com alguns participantes pedindo para voltar. Com um pouco de psicologia, descanso e agasalhos, conseguimos novamente a coesão do grupo. Show de bola!

Partimos do Açú às 13 horas sobre forte neblina, visibilidade zero...fog total. Uma leve garoa caia juntamente de um vento frio. A turma tava agasalhada e novamente animada...Kmoonn!

Do Açú até o Cavalinho (contorno da Pedra do Sino) nossa orientação foi quase que inteiramente por GPS. Pegamos noite na subida final do contorno do Sino e fizemos o lance do Cavalinho muito atentos: escuridão e tudo molhado. As 18:10 já era possível ver a luzes do Abrigo 04...que visão! Lá havia roupas secas, pizzas, bate-papo, vinho... Fomos efusivamente recebidos por nossos amigos que subiram a trilha do Sino...putz que legal! A orgia de pizzas já estava a todo o vapor. Agasalhamos-nos e entramos nela. A Máfia das Pizzas, que controlou (e desviou!) grande parte das pizzas na invasão do ano passado deu lugar para o "Controle de Qualidade": Gustavo Soares (CEC) e o Faquir sempre tinham que experimentar as pizzas antes de servi-las...não são gente boa??

E quase nove da noite, quem que entra no Abrigo, completamente molhado? Zezinho...recém chegado dos Tres Picos...caracas, o cara é guerreiro! Após aquela nossa festa de confraternização, as 22 hs foi decretado a hora do silêncio.



Dia seguinte, aquele mega cafezão e toca pra baixo! Cheguei na Barragem as 13 hs mas ainda tinha que resgatar meu carro que ficara em Correias. Após o meu resgate furar comigo, a Jana foi muito camarada e levou eu e Michelle até Correias para isso...valeu Jana!!

Bom, apesar da forte chuva, fomos 26 pessoas para o Abrigo celebrar este fim de semana na montanha...todos estão de parabéns! E em 2011 acho que faremos no Abrigo do Açú...se ele estiver pronto até lá!

Wal

Essa excursão de dois dias ao PN-SO, com diversas atividades de escalada e caminhada nas montanhas da parte alta da Serra dos Órgãos, foi idealizada pelo JP e colocada em prática pela primeira vez no ano passado, quando o CERJ e alguns "agregados" ocuparam inteiramente o Abrigo 4 do referido parque.

Naquele fim de semana de 2009, nasceu também, meio que sem querer, o SURUPIZZA - rodízio de pizzas de frigideira feito em fogareiros de acampamento (porque o fogão do abrigo não dava nem para começar...). Como disse o JP naquela oportunidade, uma excursão que já nasceu clássica.

Neste ano de 2010, a data marcada para a "invasão" foi o dia 12 de junho, com retorno previsto para o dia seguinte. As previsões de tempo não eram animadoras, muito pelo contrário - todas indicavam chuva para o fim de semana inteiro.

O sábado amanheceu chuvoso, e logo começaram a surgir as desistências e as propostas de adiamento da atividade. O Wal, que foi com mais 6 pessoas para Petrópolis a fim de fazer o percurso da Travessia, me ligou para confirmar se me encontraria no Abrigo 4, no fim da tarde, preocupado que estava em chegar lá e não haver ninguém - nem comida e agasalhos - esperando por ele. Respondi que sim, que eu estaria lá de qualquer jeito pois, no meu entender, algumas excursões simplesmente não se enquadram na categoria das "adiáveis", e esta é uma delas. Além disso, não teríamos que dormir em barraca. Poderíamos descansar os nossos untos em colchõezinhos confortáveis, vestidos com pijaminhas secas. Um luxo...

A chuva deu uma "quebrada" na nossa tropa, mas não conseguiu nos derrubar. Tivemos aproximadamente 15 desistências - na maioria, montanhistas experientes. Por outro lado, a turma nova, coitada, foi em **frente, botou "pra jogo", se F#&% toda, e** salvou a excursão. A caminhada até o Abrigo 4 foi dura, por causa da chuva, do frio e da trilha alagada, que mais parecia um riacho. Cumprimos o percurso em 5 horas e 30 minutos. Do outro lado da serra a turminha do Wal, que fazia a Travessia Petrô-Terê e tinha 3 CBMs 2010 no grupo, passava um sufoco maior ainda. Fizeram o percurso em aproximadamente 9 horas.

Entretanto, todo o perrengue foi esquecido no nosso fenomenal surupizza, onde imperaram a alegria, as brincadeiras e a zoação geral. Lá fora os termômetros marca-

vam -1°C, mas parecia que havia um aquecedor ligado dentro do abrigo. Minha filha Beatriz, que chegou no abrigo 4 estressada e com fortes sinais de hipotermia, deixou **escapar o seguinte comentário: "Pô, essa bagunça toda está 'quase' compensando o sufoco da caminhada"**.

Pela trilha do Sino subiram 18 pessoas; pelo Açu, outras 7. Total da festa, com os dois guardas do abrigo: 27 elementos!

Hora dos parabéns e agradecimentos. Em primeiro lugar, parabéns aos 8 (oito!!)



CBMs 2010 que participaram da excursão (5 comigo do lado de cá, pela Trilha do Sino, e **3 com o Wal, do lado de lá, pelo Açu**). Quatro homens (Diogo, Daniel, Rodolfo e Nico), e quatro mulheres (Beatriz, Clarice, Anna Rita e Cristina). Pessoal, meus sinceros parabéns! Vocês foram fantásticos!! Obrigado à Jana e à Marcia que guiaram brilhantemente a caminhada de sábado, enquanto eu cerrava a fila. Obrigado à galera do rodízio: Jana e Cristina, responsáveis pela montagem, e Faquir, que me ajudou nos MSR's.

Finalizando, valeu Wal por não ter abortado a Travessia. É claro que todos gostariam de caminhar debaixo de um céu azul, com todo aquele visual da Serra dos Órgãos diante dos nossos olhos, mas a gente sabe que nem sempre ocorre assim. Foi ótimo essa turminha nova ver que chuva acontece, é natural, mas que, apesar de desconfortável, não é o fim do mundo. Eles terão que aprender a conviver com isso e não vão esquecer esse sábado que passou.

Ano que vem tem mais, mesmo chovendo canivete!

Valeu.mulambada!!!

Rafael

Marcela



Conheci o CERJ através do site na internet enquanto procurava por caminhadas e trilhas nas montanhas do Rio. Em junho de 2009, fui conhecer a sede do clube e ainda no saguão me deparei com o Carrô e com um amigo que iria comemorar seu aniversário de 79 anos no dia. Fiquei assustada e pensei: o que eu estou fazendo aqui? Como assim um clube de montanhista com velhinhos? Aos poucos foi chegando a mulambada (expressão que logo depois da primeira excursão entendi o significado). Gostei do ambiente da sede, pessoas de diferentes idades, papo legal e muitas histórias.

Iniciei as atividades de caminhada com o Muniz na floresta da Tijuca. Logo depois participei da excursão com o Wal em Ilha Grande, onde consegui estreitar meus laços de amizade e na semana seguinte, Pedra D' Anta, o meu primeiro sufoco, trilha íngreme, terra molhada e despreparo físico. Literalmente me acabei nessa trilha e foi legal ver a solidariedade e a preocupação dos amigos.

Fiquei sabendo do CBM pelos colegas do clube e aguardei ansiosa todos esses meses para poder participar. E realmente valeu a pena esperar tanto, adorei!

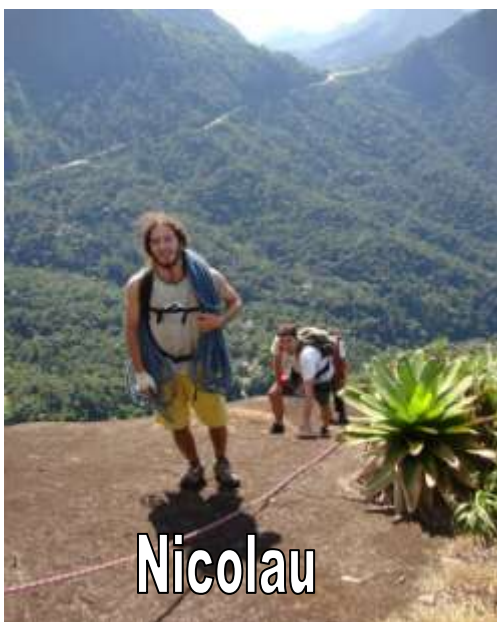
Embora não tenha procurado o clube para escalar, gostei muito da experiência. Depois do CBM, não sei dizer o que prefiro, se é fazer uma trilha ou escalar, mas isso não importa já que posso fazer as duas coisas, afinal no CERJ tem lugar para todos!

Agradeço a dedicação e mobilização dos guias durante o CBM. Para mim o curso foi na medida certa, as atividades foram

gradativas possibilitando uma familiaridade com a escalada de maneira suave e sem traumas. Pretendo daqui para frente me dedicar bastante à escalada com a certeza de que ninguém se torna um escalador da noite para o dia, muito menos depois do CMB e sim com a prática constante da atividade, pensamento este, sempre frisado pelos guias durante o curso.

Em particular, terminei o CBM com maior confiança e com um aprendizado importante para a vida que adquiri no campo da experimentação: a certeza de que todos realmente são capazes de fazer aquilo que desejam desde que queiram de verdade. E que venham as trilhas e escaladas!

Marcela Campista



Nicolau

Cheguei ao CERJ através de uma amiga que é sócia do clube e me falou que o curso começaria em março. Ela comentou sobre o clima do clube e fiquei animado.

A princípio queria começar a escalar, mas quando fiquei sabendo do tal curso de "montanhismo" procurei saber a diferença. Descobri que além das aulas de escalada ainda tinham aulas teóricas e práticas de caminhada e acampamento! Logo vi que o



curso seria completo. Na época em que pensei em fazer o curso eu estava viajando bastante (principalmente de bicicleta). Achava também que o curso iria me deixar mais preparado para minhas viagens.

Só fazendo o curso eu pude ter uma idéia do que é ser montanhista. E gostei! Além de tudo o que eu aprendi nas aulas, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas novas, o que é muito bom, principalmente quando todos têm um interesse comum, o montanhismo. Já percebi que no ambiente do montanhismo as pessoas são muito receptivas e muito amigáveis. Não somente o pessoal do clube, mas todos que conheci por causa de escaladas e caminhadas.

Enfim, o curso foi ótimo, aprendi bastante, conheci muitas pessoas e ainda há muita gente no clube que não conheço.guardo muitas caminhadas, escaladas e viagens por vir.

Nicolau Sarquis Aiex

Durante um bom tempo sofri uma **“pequena” pressão familiar para entrar no CBM**. Finalmente no ano de 2010, com disponibilidade de tempo e depois de saber que contaria com uma turma super disposta e divertida, finalmente fiz minha inscrição. Mi-



Márcia e Maria

nas expectativas quanto ao curso eram estritamente relacionadas à questão técnica

fator que mais impressionou. O carinho, paciência, atenção, com que fui tratada por todos, esse foi o fator surpresa.

Gosto de pensar que durante o curso eu não só aprendi noções básicas de escalada, mas que ganhei uma família. Família esta formada por nossos guias que foram verdadeiros anjos da guarda; por nossos companheiros de CBM que se tornaram verdadeiros irmãos, sempre sendo solidários uns com os outros; e finalmente família formada por todos que contribuíram disponibilizando seu tempo, material, atenção, sem nem ao menos saber quem somos nós. Fico feliz de dizer que hoje faço parte desta enorme família CERJ que acolheu nossa turma do CBM 2010 e nos transformou em pessoas melhores. Parabéns a todos os formandos pela conquista e aos mestres pelo feito. Não é qualquer um que aguenta essa turma não!

Obs.: mas o importante mesmo foi quebrar a maldição do ano par.

Maria C. da Fonseca Costa

A minha motivação para começar a escalar foi porque eu estudo muito, o dia todo e isso começou a me estressar. Senti que precisava de alguma coisa nova em que eu pudesse extravasar. E tinha que ser algo que me estimulasse também, que desse aquele gás, então, nada melhor do que a escalada. Eu já tinha pesquisado alguns clubes que oferecem o curso básico e, por indicação



da Bruninha (do CBM 2009) escolhi o CERJ.

Uma coisa que me surpreendeu muito durante todo o curso foi a dedicação de todos os guias, o que me fez perceber que o montanhismo, a vontade de fazer parte desse

mundo é algo que vem de dentro, não é apenas fazer trilha de vez em quando, é ter a montanha no sangue. O mesmo acontece na escalada. Quem pratica não pratica por modismo, tá no sangue. E só é possível compartilhar essa vida com quem sente o mesmo, quem está de fora não entende.

Gostei muito das aulas teóricas que eu consegui assistir, principalmente da aula sobre animais peçonhentos.

Adorei as escaladas, amei aquele rapel alucinante em Itacoatiara e o acampamento... Eu nunca tinha acampado e fiquei encantada. Odiei a subida o tempo todo, se não fosse o Zê, eu teria ficado no meio do caminho, mas ver o pôr do sol no cume superou todo o estresse. Palavras e fotos sempre ficam aquém do que realmente é.

Janaina Cruz



MUTIRÕES DE RECUPERAÇÃO AMBIENTAL NO PÃO DE AÇÚCAR

Em 2010 está completando seis anos do início do trabalho de recuperação ambiental no Paredão Lagartinho, na base da Chaminé Stop, no Pão de Açúcar.

Nesse período, os muitos mutirões que fizemos mudaram a paisagem daquela área, substituindo o capim colônio por espécies de mata atlântica, apesar das dificuldades encontradas como pouco solo, calor escaldante no verão e solo muito pobre.

A forte inclinação também é um problema a mais, pois quando chove forte, tende a carregar a cobertura do solo, desprotegendo-o e retirando os nutrientes existentes na superfície.

Em alguns trechos, todas as mudas plantadas inicialmente morreram e tiveram que ser replantadas. Em outros, a simples retirada do capim criou as condições para que as espécies nativas germinassem e se desenvolvessem, como por exemplo, a embaúba.

Foi necessário persistir e acreditar para que o trabalho desse resultado e hoje isso já é bem visível. Na base da via Lagartão, por exemplo, o platô está mais firme e alguns arbustos já produzem sombra.

Trabalhamos também na recuperação de vários trechos da trilha de acesso a Chaminé Stop, a partir da Pista Cláudio Coutinho, reduzindo e revertendo a forte erosão que já tinha se instalado.



Inúmeros voluntários participaram desses mutirões ao longo desses anos, ajudando a reverter a degradação ambiental que reinava ali. Agradeço a todos.

Os mutirões continuam em julho, apesar do recesso no primeiro semestre de 2010 por motivo de força maior. Conto com vocês.



No mês de maio deste ano, o CERJ organizou mais um TAR para o corpo técnico do clube. Mas o que é, e para que serve este tal de TAR?!



Bom, esta é a sigla para **"Treinamento de Auto Resgate"**, o qual consiste em uma série de procedimentos e técnicas necessárias para que um escalador realize o escape com segurança, tanto dele próprio, como de uma vítima, em um eventual acidente durante uma atividade na montanha, principalmente, a escalada.



O interessante do Auto Resgate, é o fato do escalador contar com uma quantidade muito reduzida de materiais – apenas o material pessoal do participante e do guia da cordada -, fazendo com que os procedimentos sejam mais elaborados, visando o baixo consumo de recursos, mas mantendo o mesmo nível de segurança e qualidade no resgate.

Este treinamento especificamente foi composto de três encontros: o primeiro, teórico. O segundo, prático. E o terceiro, apenas um encontro para consolidar os procedimentos. Em nossa aula teórica, realizada no CERJ, no dia 25 de maio, definimos a situação do acidente (lembrem-se que cada caso é um caso, mas os procedimentos em geral, são semelhantes), formatamos o script de resgate e fizemos uma simulação com material utilizando materiais e o grampo do clube.

Com os procedimentos já dominados na teoria, foi a vez de irmos à pedra, no dia 30 de maio. O local selecionado foi o Morro da Babilônia, na Urca, onde utilizamos as vias "M2", "Roda Viva" e "Arca de Noé". Separamos o grupo em duas duplas e um trio e começamos os trabalhos por volta das 9:00h da manhã.

Às 13:00h já estávamos todos de volta à Praia Vermelha, para conversar sobre a atividade e fazermos nossos primeiros pareceres sobre os procedimentos adotados.

No dia 9 de junho fizemos nosso terceiro e último encontro, novamente na sede do CERJ, apenas para consolidar os procedimentos e fazer algumas pequenas alterações no script inicial, formatando assim, uma forma relativamente simples, segura e eficiente de resgate em montanha.

Pode não parecer, mas treinar Auto Resgate é bem simples e pode salvar vidas. Se tiver interesse (e esperamos que tenha!), a Diretoria Técnica do CERJ está avaliando uma possível data para o TAR aberto aos associados do clube. Portanto, fiquem atentos à programação!

Parabéns ao DT do CERJ, por mais esta iniciativa!

Para assistir ao vídeo deste treinamento, acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=eDwv7HI3XP8>



Lembranças ... Fernando Fernandes (filho do Salomyth e Vilma)

As melhores lembranças de "aventuras" que vivi, tem um endereço certo em minha mente e chama-se CERJ. As escaladas, caminhadas, conquistas, frustrações e alegrias foram proporcionadas pelos companheiros do CERJ.

Sempre conto aos colegas de trabalho minhas experiências na montanha e principalmente as amizades que ELA me ajudou a conquistar. Acredito que todos que vivem no "mundo corporativo" deveriam viver a experiência de uma cordada, de confiar suas vidas nas mãos de outros companheiros. Os ensinamentos que aprendi com meu pai e as experiências que vivi na montanha fazem uma grande diferença hoje em minha vida. Essa vivência farei questão de passar para meu filho.

Um forte abraço.



Fernando no costão do PA aos 12 anos (à esquerda) e no CE Grajaú, aos 14 anos

Relato Agulha do Diabo, 19 de junho de 2010.

Se uma imagem vale mais do que mil palavras, aqui vão mais de 3 mil!!!!!!!

Patrícia Rocha :)))))))



Para os meses de julho até setembro de 2010, o nosso sócio-proprietário SOBRAL PINTO escolheu o Paredão Baden-Powell, localizado no Irmão Maior do Leblon (Rio-RJ) para a sua exposição fotográfica com suas fotos em preto e branco.

O Paredão Baden-Powell foi conquistado pelo CERJ na data de 11 de dezembro de 1960.

Essa grande conquista, (4° grau na escala de dificuldades da época) foi praticamente realizada em 2 meses: de 16 de outubro até 11 de dezembro de 1960. Foram 9 investidas e instalados 35 grampos de aço. O total da escalada é de 350 metros. Em diversos lances temos os sugestivos nomes: Gruta da Esperança, Gruta do Urubu, Passagem do Waldema, Espigão Calinda e Platô Ana Maria, entre outros.

Os conquistadores dessa monumental escalada, todos sócios do CERJ, foram os seguintes: Moacyr Mallefont Rebello Filho (guia), Carlos Rodrigues Brandão, Guilherme Ribeiro Menezes, Giuseppe Pellegrini, Harald Fredrich, Sergio de Souza Bahia e Waldemar Ferreira Guimarães.

Nessa escalada, havia somente 10 metros de cabo de aço e uns 15 metros de chaminé. Os demais lances são todos "na agarra", que é a mais difícil técnica de escalada, sendo além disso auxiliado em dificuldades pela grande inclinação dos paredões.

O Paredão Baden-Powell tem um significado muito maior daquele que se pretendia. É a primeira escalada em todo o mundo a receber o nome do fundador do escotismo: Baden Powell. Foram gastos mais de 200 metros de corda e quase 40 grampos de aço.



**SALINAS
ROCK FESTIVAL**

3 e 4 de julho de 2010
os jogos das quartas de final da Copa
serão transmitidos em nosso telão

Cerveja a 2,00 e
Caldo Verde cortesia

Local:
Abrigo do Zezinho
Salinas

igforlas@gmail.com
marcosgeologia@yahoo.com.br

ROCK DO CARIÓTIPO

Caius Rollando da Rocha

Jana...calma!!

Vocês são muito ingênuos!!!



Ahhhhhhhh.....

Pedrinho! Você se acostuuuma!!!

Isso é melhor que mulher!!



Êh...Ôhhh....

Wal no Cabeça de Dragão
tentando alguma foram de comunicação...

Centro Excursionista Rio de Janeiro

Tel: 0 xx 21 2220-3548

Fundado em 20 de janeiro de 1939

www.cerj.org.br

Cerj@cerj.org.br

Sede Própria: Av. Rio Branco, 277/805

Edifício São Borja - 20047-900

Rio de Janeiro - RJ

Reuniões sociais:

Quintas-feiras a partir das 20 horas